

MCINTOSH MCD600

UM FUTURO PRATEADO PARA O CD

Jorge Gonçalves

Falar em McIntosh traz-nos imediatamente à memória os atraentes e quase hipnóticos vuímetros no painel frontal e, no meu caso, excelentes recordações de uma inolvidável viagem a Binghamton, no estado de Nova Iorque e conhecida como a Capital dos Carrosséis, onde se localiza a fábrica da marca, através de estradas com cerca de 1 metro de neve. Neste caso vou abordar muito em especial um tipo de equipamento que para muitos começa e entra na classificação de «dinossauro excelentíssimo». E isto porque as gerações mais jovens já não sabem o que é um disco prateado e, ao mesmo tempo, muitos audiófilos de gema converteram-se em definitivo ao *streaming* e começam mesmo a falar em vender as suas colecções de CD's.

No meu caso tenho um conjunto de CD's que, dividido por dois locais de utilização, ultrapassa os 1500 e, apesar de cada

vez mais usar o Tidal e o Qobuz, e de ter passado para um NAS muitos desses CD's, não penso de modo nenhum em deixar de utilizar um leitor de CD's e muito menos em vender os discos que tenho. E isto pura e simplesmente porque ouvir música bem reproduzida por um bom leitor de CD's, algo que o MCD600 faz de maneira sublime, é uma experiência musical e emocional que está alguns pontos acima de ouvir essa mesma música em *streaming*, mesmo que em alta resolução.

Faz então sentido dizer que o CD está numa fase de forte declínio? Pois, tendo em conta que quem manda é o consumidor e que, em termos de volume, o consumidor que manda está maioritariamente do lado do *streaming*, muitas vezes com qualidade MP3 e chegando a ele através da compressão do Bluetooth, não há como contrariar este argumento, principalmente quando se tem em conta que nos tempos áureos dos anos 90 as vendas mundiais de CD's ultrapassavam os mil milhões de dó-

lares e os valores actuais nem chegam a um décimo disso.

Por outro lado, marcas de prestígio, como a Esoteric, a McIntosh, a Rotel e a Accuphase, continuam a lançar leitores de CD's com regularidade, o que significa que há seguramente um mercado para um bom leitor de CD's. Portanto, talvez seja uma boa ideia chamar Mark Twain à colação e adaptar a sua famosa frase: As notícias sobre a morte do CD são algo exageradas.

Descrição

Externamente, o MCD600 é um McIntosh clássico. Goste-se ou não (e eu gosto bastante), a empresa tende a não se afastar muito do que se pode chamar aparência icónica. Não quer dizer que, quando se olha para um equipamento McIntosh, já se tenham visto todos, porque há diferenças inescapáveis, resultantes da função desempenhada por cada tipo de componente, mas há tradições que não se devem





mudar, nomeadamente o jogo de cores entre o preto, o azul e o verde. O MCD600 continua a tendência recente da McIntosh de usar dois botões bem visíveis no painel frontal para controlo de nível e selecção da fonte, algo que os leitores anteriores não tinham mas de que também não precisavam, uma vez que não tinham entradas para fontes externas nem saídas com o volume controlado.

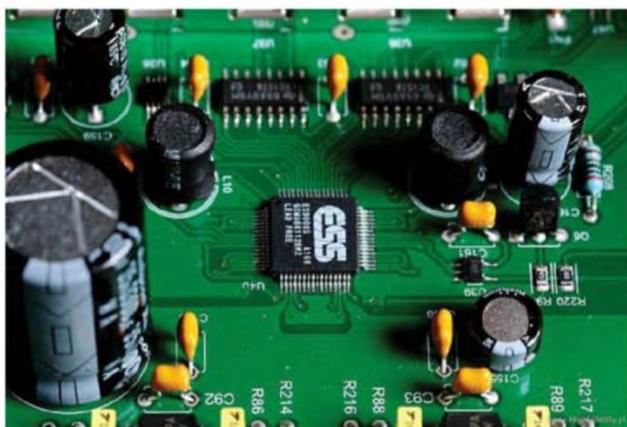
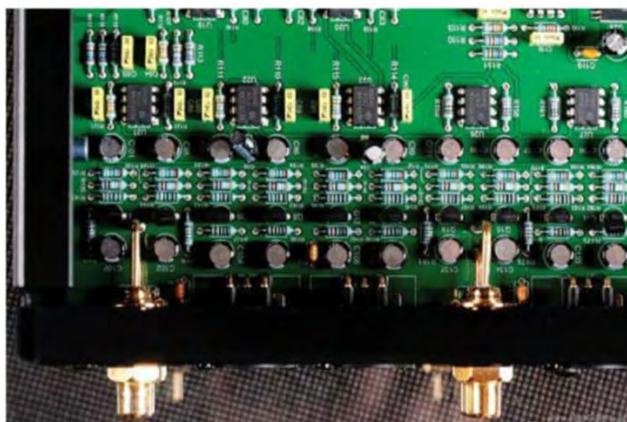
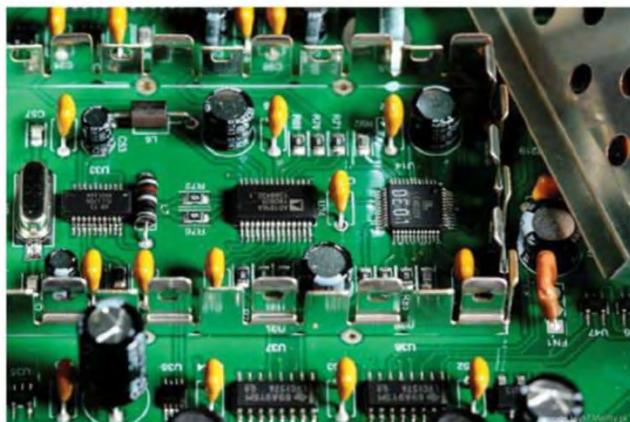
O imponente painel frontal de vidro escurecido é ladeado por duas peças de alumínio de tom prateado, uma em cada extremo, as quais lhe conferem alguma leveza. A gaveta de transporte está colocada centralmente e tem por debaixo dela o mostrador com dígitos de cor azul. Por debaixo de cada um dos botões re-

dondos mencionados temos dois conjuntos de teclas de formato quadrado, que já são igualmente uma imagem de marca da McIntosh. As do lado esquerdo definem a camada de leitura do disco, no caso dos discos híbridos CD/SACD, e o avanço e o retrocesso de faixa, e são acompanhadas pelo *jack* de 6,35 mm para a ligação a auscultadores e, por cima, por uma entrada USB do tipo A para ligação de memórias *flash* ou discos externos. No lado direito continuam os controlos de paragem de leitura, reprodução / pausa, abertura e fecho da gaveta de leitura e ligado / *standby*. No topo superior da tampa continua a estar patente outra das tradições da marca – a de apresentar o diagrama de blocos do equipamento, o que, pelo menos no meu

caso, se revelou de bastante utilidade. Na traseira temos dois conjuntos de fichas de saída, duplicadas em termos de versões RCA e XLR, saídas e entradas de controlo Power Control, um sistema desenvolvido pela McIntosh, por *jack* de 3,5 mm, a ficha IEC para a ligação ao sector e duas entradas digitais, uma óptica e outra coaxial, lado a lado com as duas saídas de tipos idênticos.

Aberta a caixa deparamo-nos com um interior completamente preenchido, com a gaveta de transporte totalmente blindada ao centro e rodeada por dois circuitos impressos, um deles bem grande e que contém toda a electrónica digital e analógica, e outro, situado junto ao transformador de alta qualidade, com núcleo em R, que contém os circuitos de rectificação, filtragem e estabilização de tensão. A topologia da fonte de alimentação pertence ao





modo comutado, embora neste caso tenhamos uma implementação de alta qualidade em termos de estabilidade e nível de ruído. O mecanismo de leitura mencionado tem uma sólida estrutura de alumínio, é de Laser duplo, com um fluxo de dados que tem o dobro da velocidade do habitual, e tem incorporada uma memória RAM que funciona como *buffer*. Este sistema de transporte, desenvolvido pela McIntosh, aceita todo o tipo de sinais, desde os discos prateados já mencionados e ainda discos gravados CD RW+ e RW- e DVD-R, e é complementado com a capacidade de leitura de ficheiros de áudio digital nos formatos AAC, AIFF, ALAC, DSD (até DSD128), FLAC, MP3, WAV (até 24 bit / 192 kHz) e WMA. Um *chip* FPGA encarrega-se do processamento de dados, quer dos obtidos da leitura de discos quer dos provenientes de fontes externas.

É interessante destacar que as saídas analógicas são todas independentes, sendo os sinais de áudio retirados das saídas de seis Ampops NE5532, uma surpresa para mim, pois esperava encontrar amplificadores operacionais de outro tipo e outra geração. O controlo de volume digital alimenta as saídas variáveis com um nível

de tensão máximo de 8 V para as saídas *single-ended* e 16 V para as saídas balanceadas, e está implementado um *bypass* para as saídas fixas. O mesmo circuito de volume também alimenta o amplificador dedicado para auscultadores, o qual foi redesenhado em relação aos modelos anteriores, de modo a aumentar-se o ganho e a potência de saída. O conversor D/A é um ESS9008S, um modelo da série Reference da Sabre e que contém no seu interior nada menos de oito conversores D/A independentes a funcionar no modo de balanceamento quádruplo, ou seja, os conversores são divididos em quatro para o canal esquerdo e quatro para o canal direito, somando-se as saídas de cada polaridade para melhor resolução e menor ruído. As características técnicas mais importantes do MCD600 são: impedância de saída de 600 Ohm (47 Ohm para o amplificador de auscultadores), gama dinâmica superior a 100 dB, resposta em frequência de 4 Hz a 40 kHz (SACD) e 4 Hz a 20 kHz (CD), relação sinal/ruído melhor que 110 dB, ponderação A.

Audições

O MCD600 foi incorporado no meu sistema

de áudio já bem conhecido e formado por: conjunto de electrónica Inspiration 1.0, da Constellation, tendo como fonte digital o Roon Nucleus Plus com o Pro-Ject Pre Box RS2 Digital como descodificador D/A e *renderer* de MQA (descodificação completa) e, no domínio analógico, o gira-discos Basis com braço SME V Gold e cabeça Air Tight PC1 Supreme. As colunas eram inicialmente as QUAD ESL63 Pro, e os cabos de interconexão e coluna eram predominantemente da gama Select, da Kimber. Na alimentação de sector pontuava a régua Vibex Granada Platinum, à qual ligavam todos os equipamentos electrónicos em uso. Mais tarde liguei ainda o leitor de CD/SACD ao Electrocompaniet ECI 6DX MKII, o qual alimentava as colunas B&W 805 D4.

Comecei então pelo *jazz* e por um grupo talvez menos conhecido no *mainstream*, o trio de Taylor Eigsti, com o álbum *Taylor's Dream*. Este disco foi gravado pela editora japonesa DIW. Se é verdade que muitas chamadas remasterizações feitas no Japão produzem resultados mais que discutíveis e mesmo mediócras, as gravações originais tais como, por exemplo, as to grupo Three Blind Mice, são de grande qualidade e o mesmo se passa com este CD, com excepção de alguns ligeiros ruídos de estúdio na última faixa. Há um ligeiro toque de Jobim nalgumas faixas mas

aquela onde Eigsti atinge o auge da sua qualidade interpretativa é, em meu entender, *Tokyo Blues*. O estilo quase de Oscar Peterson com que Taylor toca o piano tem aqui um carácter introspectivo que o MCD600 soube captar muito bem, mantendo o contrabaixo no tom e nível sonoro correctos, já que nunca o contrabaixista John Shifflet se tenta impor ao ritmo melódico definido por Taylor, antes o complementando de uma maneira subtil mas sempre presente. É uma delícia ouvir esta obra, plena de virtuosismo e paixão, e acompanhar o relativo crescendo cerca dos 3,5 minutos com uma distinção perfeita e evidenciando mesmo um enorme respeito dos três intérpretes uns pelos outros. É uma conversa musical entre três amigos de há algum tempo, em que nenhum fala mais alto que os outros, apenas Taylor é mais loquaz e os outros dois respeitam isso.

A minha referência actual em termos de qualidade de gravação em SACD é o disco *Bailar Cantando - Fiesta Mestiza en el Perú*, de Jordi Saval. Este disco contém uma colecção de 20 músicas nativas do Peru, resultado de uma pesquisa feita ao longo de muitos anos pelo então (1780) bispo espanhol e com ritmos que vão das *tonadas às lanchas*, músicas bem representativas daquilo que se chama o cantar *cachua*, compondo o chamado Codex Trujillo. Comprei este disco em 2019 na Gulbenkian directamente a Jordi Saval, que lhe após uma dedicatória, e já ouvi estas músicas muito bem reproduzidas, mas o MCD600 deu-lhe aquele extra de uma noite de calor sul-americano, seguramente muito perto das noites algarvias de Verão da minha mocidade, em que tínhamos que dormir na açoteia porque dentro de casa o calor era sufocante, principalmente quando na primeira quinzena de Agosto aparecia o vento Suão. Mais surpreendente que tudo, o MCD600 fez-me sentir outra vez junto das maçarocas de milho, com



mais de uma dezena de pessoas em volta de mim, novos e menos novos, mas todos com uma grande jovialidade, com uma cantoria aqui ou além e a grande festa sempre que alguém era premiado com uma maçaroca de milho roxo. É impressionante a maneira como o leitor da McIntosh traz até nós a música, a correcção tímbrica dos instrumentos, em muitos casos artesanais (alguns feitos de ossos de cavalo) e, em cima de tudo isso, uma sensação quase alucinante de pertença, de não só estarmos lá como sermos um deles. Só por isso vale a pena comprar este disco e, mais que tudo, tentar ouvi-lo nesta verdadeira obra-prima da reprodução musical. Lembro-me ainda de ter ouvido com extremo agrado este mesmo disco no Gryphon Ethos, nesse caso apenas na resolução de CD, e fiquei desta vez muito bem impressionado pelo facto de o MCD600 se ter comportado tão bem que não senti que a diferença entre as duas situações de audição fosse por aí além, muito pelo contrário, a audição em SACD no leitor da McIntosh trouxe aquele extra de emocionalidade característica deste formato, o que muito abona em favor deste último, já que o Ethos cus-

ta quase quatro vezes mais que o MCD600.

Uma vez que o MCD600 pode ser utilizado como conversor para fontes externas e eu conheço bastante bem o Accuphase DP85, achei que seria oportuno ver até que ponto uma quinzena de anos de inovação poderia ter melhorado o desempenho dos conversores D/A. E nada como ligar então um ao outro, utilizando um cabo que já utilizei em diversas circunstâncias, nomeadamente entre o transporte e conversor do Marantz CD12. Claro que o estilo escolhido teria de ser o *jazz*, na forma do álbum *Ascenseur pour l'Échafaud* de Miles Davis. E as minhas notas demonstram que muita coisa mudou: o som era bem mais limpo do que aquilo que eu estou habituado a ouvir do DP85, com uma impressionante combinação de velocidade de resposta a transientes, transparência e integridade harmónica. Os sons dos diversos intérpretes pareciam rodeados por uma envolvente que lhes conferia uma espacialidade notável nas três dimensões, combinada com uma sensação incrível de que estavam todos a tocar no tempo certo. Esta é uma combinação rara numa fonte digital – espacialidade e tempo certo – e





que me faz começar a bater o pé aos primeiros acordes, por isso o MCD600 marcou assim mais uns pontos na minha escala de avaliação. Ainda pensei em ligá-lo directamente ao Electrocompaniet ECI 6DX MKII usando a saída com volume variável, mas rapidamente percebi que isso pouco sentido teria, porque este amplificador integrado não tem entradas directas para os amplificadores de potência. Portanto, como se costuma dizer, em equipa que ganha não se mexe e fiquei então com as boas conclusões da combinação.

E tinha mesmo que continuar no jazz, com um dos meus guitarristas preferidos, Bill Frisell, no disco *Gone, Just Like a Train*. Este é um disco altamente revelador, com níveis notáveis de profundidade, limpidez e detalhe. O palco sonoro é mesmo imenso e arejado e os arranjos são admiráveis em termos do modo como cada som determina mudanças subtis no que se refere a localização, presença e perspectiva, ao mesmo tempo que continua a existir uma perspectiva sónica altamente convincente. Cada uma das faixas deste disco é uma pequena jóia do ponto de vista lírico, mas gostei em especial de *Lookout for Hope*, com Viktor Krauss a definir um sentido de ritmo assoberbante, enquanto Kelmer e Frisell estabelecem um envolvente diálogo em estilo de blues. Já em *Godson Song*, Frisell entra pelos silêncios quase plúmbeos com acordes de guitarra quase violentos a sair das cordas de aço, fazendo uma parelha perfeita com Kelmer, o qual define notas quase abstractas com movimentos rápidos do seu pulso, mas tudo isto com uma beleza harmoniosa e um

prazer musical de uma intensidade tal que me fez repetir esta faixa e ouvi-la novamente como se fosse a primeira vez.

Conclusão

Não se pode dizer que o CD tenha um futuro dourado em face da situação actual. Mas ouvir CD's no MCD600 faz-nos sonhar e acreditar que esse futuro poderá ser, pelo menos, prateado. É quando está perto de passar o testemunho que um formato atinge o zénite da qualidade e mais um vez isso ficou provado – há tanta informação dentro de um CD que só recentemente começou a ser desvendada pelos leitores de grande qualidade e de que nós nem suspeitávamos. Seja com originais em CD seja com o SACD, o MCD600 é um leitor de

grande nível, situando-se no patamar dos melhores que existem hoje em dia, com todos os companheiros de patamar a custarem, no mínimo, duas a três vezes mais que ele. Seja em termos absolutos seja em termos relativos, não posso fazer menos do que dar-lhe uma fortíssima recomendação. Se puder compre-o porque não é fácil que se torne a fabricar algo deste nível a este preço.

Leitor de CD/SACD McIntosh MCD600

Preço: 11.250 €

Representante: Ajasom

Telef.: 214 748 709

Web: ajasom.net

